

o início de novas transformações estilísticas pouco a pouco aprofundadas na sua obra, levando-a, por volta de 1960, a uma aparente ligação com o abstracionismo informal — aparente, porque se podia discernir, como suporte e envolvência daquelas manchas, uma estrutura superando o acaso, uma intencionalidade de ordenação, um ato deliberado de construir, ou seja, a permanência subterrânea de sua disciplina. Em seguida, a partir de 1963, observa-se nos seus trabalhos a retomada da figuração, em plano expressionista; estendeu-se este período até 1965, nele destacando-se a fase negra e os desenhos a esferográfica, ambos (mais os segundos) nascidos de uma tendência ao "gestual", nova na sua obra. No entanto, a vertente construtiva terminou mais uma vez por dominar o rumo de **Serpa**; sua disciplina de organização dos ritmos visuais levou-o a interessar-se, de 1965 em diante, pela reativação de pesquisas no campo dos efeitos óticos, que se distenderam depois, para além da pintura, nos objetos construídos com módulos de madeira (analisados por Frederico Moraes, em artigo na revista GAM, nº 6, maio de 1967) e nos desenhos eróticos basicamente estruturados com o exclusivo recurso de incontáveis estocadas do bico-de-pena sobre o papel, do ponto que ao lado de outro ponto se transforma em linha ou em negras superfícies cobertas de tinta. Apresentou várias pinturas e desenhos dessa última fase — pinturas que Hélio Pelegrino agrupou sob o título de fase amazô-

Disc. das obras do Brasil 1969-85 O/17/1 ad
serpa, Van autor Roberto Fentura

Copiado a parte de ARCS

nica — na Galeria Bonino (GB, 1968), em uma exposição que o fez parti-
cipar do VII Resumo de Arte do Jornal do Brasil, no ano seguinte. A par-
tir de então, além de dar continuidade a seus desenhos de ambiência e-
rótica (reproduzindo alguns deles litograficamente), iniciou uma série
de trabalhos utilizando móveis de uso comum, como uma grande arca de
madeira castanha-escura, inteiramente cobertos, no seu interior, de mō-
dulos geométricos de madeira (tomados dos objetos realizados em 1967),
contorcidos labirintos figurando, igualmente em madeira, aqueles mes-
mos sulcos dos cupins sobre velhas folhas de livros, já aproveitados
anteriormente em colagem e desenhos, e espelhos produzindo efeitos i-
lusionistas, tudo sob a envolvência exclusiva de uma ascética brancura;
a respeito desses objetos disse Roberto Pontual, no estudo "Unidade e
Multiplicidade: Universo de **Ivan Serpa**" (revista GAM, nº 18, 1969): "Con-
vocado a relacionar-se com isto que, numa primeira visada, parece sim-
ples e corriqueiro móvel, o espectador passa do esquema tradicional de
contemplação a uma ação que o envolve todo (até mesmo no forte aroma
da madeira, que emana, concentrado, logo após a abertura da arca). Há
a procura de sua própria imagem, que os espelhos insistem, magicamente,
em não refletir. Há falsos reflexos em profundidades falsas. Há o irre-
sistível chamamento para o mergulho naquele mundo de formas ascéticas,
de arestas que se repetem infinitamente. Há o fechar da arca e a reno-
vação enriquecida do gesto de abrí-la mais uma e outra vez". Em outro
importante setor de sua atividade — o do ensino da arte — ao qual
vem dedicando ininterrupta atenção desde 1952, tem lecionado no Museu
de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em cursos para crianças (com cujos
trabalhos organiza mostras anuais no mesmo museu) e adultos. Selecio-
nou várias pinturas de seus alunos infantis para inclusão no livro
Crescimento e Criação (1954), com texto de Mário Pedrosa. Este último
focalizou-o em estudos reproduzidos no seu livro Dimensões da Arte
(1964). Figura no acervo do MNBA, Museu de Arte Moderna do Rio de Ja-
neiro e de New York, e Museu de Arte Contemporânea da Universidade de
São Paulo.

Frontispícios:

- Gravura em metal da Série Negra / 1964

col. Roberto Pontual (GB)

Pg. 486

- Desenho / 1962

col. Gilberto Bandeira de Melo (GB)

Pg. 486

- Pintura da Série Amazônica / 1968

Pg. 487

- Formas / 1951

Pg. 487

Instituto de arte contemporânea